No mapa abaixo, cada estrelinha * se refere ao epicentro da região onde se localiza a comunidade cuja indicação fica a mais próxima desta estrelinha. Assim, a partir do norte e em direção ao sul, temos sucessivamente as seguintes línguas: afro-iraniano, shidhi-sindhi, shidhi-baluchi, shidhi-gujarati, shidhi de Bahruch, kafira-landa, shidhi-marathi, shidhi-konkani e kafir-sinhalese. O belanda hitam de Java não figura no mapa em razão da distância da Indonésia.

O desconhecimento dessas onze línguas afro-indianas motivou a elaboração de um projeto internacional de resgate que, em primeiro lugar, visa a documentação descritiva dessas línguas (gramáticas, dicionários, etc.) e, posteriormente, a identificação dos vestígios lingüísticos da África oriental no litoral da Índia ocidental. A equipe integrada conta com pesquisadores brasileiros, holandeses, belgas, norte-americanos e indianos. Eis a seguir uma apresentação sucinta desse projeto de resgate.

Referências

UM CASO DE GLOTOTANÁSIA? A MORTE ANUNCIADA DO PORTUGUÊS GOÊS E O PORVIR DO KONKANI

Barbara Kempf, Jean-Pierre Angenot, Valdir Vegini & Geralda Angenot-de Lima
Universidade Federal de Rondônia – CEPLA

Goa, antiga posse portuguesa das Índias, se tornou um caso de figure, um lugar de possível exemplificação para uma glototanássia programada e previsível. O português, tanto como língua da religião católica de que como língua da classe dominante e de seus agregados do período colonial, vai provavelmente desaparecer de Goa, em razão direta do desaparecimento de seus falantes. Quando o atual consul geral de Portugal afirma, em 2002, que é "muito fácil encontrar pessoas com mais de cinquenta anos a falar português", ele está de fato dizendo que é muito difícil encontrar pessoas de menos de cinquenta anos falando esta língua. O português foi praticamente substituído pelo inglês, como língua transversal e como língua da classe dominante, os goês cristianizados preferindo que seus filhos falassem inglês e não konkani. O konkani, por sua vez, apesar de ter conquistado o estatuto de língua oficial do estado de Goa, sofreu desprestígio por mais de 400 anos de submissão cultural a Portugal, pela ampla variação dialéctica (social e regional). Os sistemas de escrita usados (devanagari, kannada, malayalam e latino), e pelo peso demográfico do marathi, do qual alguns até consideram que o konkani é tão somente um dialeto. O ecosistema linguístico extremamente complexo vigente em Goa – como de fato quase sempre é o caso na Índia –, com várias constelações diglossicas e um multilinguismo generalizado, apresenta um amplo leque de tipos de contato e de interferências entre línguas. Com base na tipologia de Thomason & Kaufman (1988) revista por Chancy Clements (1996), e a partir de uma compilação dos dados de Dalgaldo (1936), tentaremos, na pesquisa que está principlando, verificar em que medida: (a) a fala portuguesa de Goa apresenta traços fonéticos e estruturais do konkani; (b) o konkani apresenta traços da influência portuguesa; (c) a acomodação linguística atual se manifesta em direção ao marathi e/ou ao inglês, e (d) as duas línguas que substituíram o português como fonte de empréstimos e pôlo de atração.

1. As variedades de konkani

A ampla variação dialéctica do konkani – mais ampla ainda do que aquela que pode se constatar para línguas de importância similar na Índia – é devida principalmente a dois fatores: a dispersão geográfica e os diversos contatos linguísticos decorrentes da religião, o sistema de castas, assim como a pertença a comunidades ditas tribais.

* Em cada região geográfica, a pertença religiosa ao hinduísmo ou ao cristianismo é um fator decisivo de diferenciação dialética do konkani. Os descendentes dos que se mantiveram no hinduísmo e dos que se converteram ao catolicismo continuam a falar formas diferenciadas do konkani. A complexidade da divisão geográfica dos dialetos, que foram se ramificando durante os 450 anos de colonização portuguesa, deve-se em grande parte às numerosas migrações provocadas pelas diversas políticas sucessivamente adotadas por Lisboa em Goa.
a) As perseguições religiosas dos séculos XVI e XVII forçaram a maioria dos Konkanis Hindus que resistiram à conversão - sobretudo nas castas superiores - a emigrar fora de Goa. Os Hindus do Norte, falantes do dialetos de Bardez, migraram para o norte e oeste de Goa e se instalaram no Maharashtra, em região de língua dominante marathi, enquanto que os Hindus do Sul, falantes do dialetos de Salkeme se foram para o sul de Goa, para espalharem-se ao longo da costa dos distritos do Uttar Kannada e do Dakshin Kannada, na Karnataka, onde a língua dominante é o kannada. Alguns desceram até Coochim, no Kerala, onde se fala o malayalam. Mais tarde, um bom número de Cristãos do Norte de Goa migraram também em direção do litoral do Karnataka.

b) No final do século XVIII, com a morte da rainha, a maioria dos Hindus instalados no Maharashtra voltaram para Goa, onde se fizeram tanto na região norte quanto na região sul do estado.

- As diferenças dialetais baseadas exclusivamente nas castas são pouco significativas entre as castas de nível próximo, mas elas são sempre consideráveis entre as castas mais elevadas dos brâmanes e as mais baixas dos "dalits" ou intocáveis (Almeida, 1989).

- As diferenças originais entre os dialetos do konkani foram acentuadas pelas influências variáveis das línguas com as quais as diversas comunidades entraram em contato.

a) Em Goa, a influência do português é extremamente importante no campo do léxico de todos os dialetos konkani falados pelos Cristãos. Foram milhares de palavras que caracterizam até hoje essas variantes (cf. Dalgado, 1936). Mesmo os Cristãos que migraram para o Karnataka, que migraram para o Karnataka, levaram com eles inúmeros empréstimos litúrgicos; assim, fizeram também os escravos afro-indianos que se aquilibraram no Uttar Kannad.

b) Todos os dialetos konkani do Karnataka que foram em contato com o kannada foram afetados por essa língua dravidiana, principalmente os dialetos Hindus que sofreram uma influência considerável, não somente vocabularia, mas também o nível do sistema gramatical (Nadkarni, 1970).

c) A variante konkani da minoria ativa de Cochin, no Kerala, não ficou imune, por sua vez, ao impacto da outra língua dravidiana, o malayalam.

d) Os dialetos konkani do Norte, principalmente usados pelos Hindus, foram influenciados pelo marathi, que aliás é uma língua muito próxima, ao ponto de tornar difícil a delimitação de uma fronteira línguística entre estas línguas e o konkani, uma sítuação que reenbra, por exemplo, a linha divisória entre o holandês e o alemão. Até hoje, nas escolas de Goa, o marathi serve de principal referência como língua literária de prestígio para as comunidades hindus.

- Os grupos dos tribais ("scheduled tribes") falam também seus próprios dialetos, incluindo-se aqui os descendentes de escravos negros aquilibrados.

2. Histórico da política linguística de Portugal em Goa

A ocupação portuguesa, na última década do século XV, trouxe consigo a dispersão geográfica da comunidade dos falantes do konkani e, em Goa, a transformação do konkani em língua dominada.

A primeira fase da colonização começou com um mal-entendido. A fixação ideológica e dicotômica da luta entre o isla e a cristandade, e a idéia persistente de cruzadas contra os "mouros", levaram os conquistadores portugueses a interpretar o hinduísmo como uma religião de "cristãos" exóticos, um tanto desgarrados.

Segunda fase: após esclarecimento do equívoco, os Portugueses fizeram tabule rasa com a cultura konkani, destruindo os templos e idólos e aniquilando todos os escritos sagrados e literários redigidos em língua konkani através do sistema alfabetico "devanagari", usado até hoje para o sânscrito e o marathi.

A terceira fase pode ser descrita como sendo a da política de conversão em série, brandindo-se a espada e o híspide. As necessidades das pregações levaram os jesuítas a elaborar dicionários e gramáticos konkani, como se fosse uma língua de tradição só oral, com o uso do alfabeto latino. Abriram escolas e pémeras com ensino na língua materna konkani.

Quarta fase: que durou até o fim do século XVIII: a inquisição – de triste memória – liderada pelos dominicanos que tentaram colher o uso do konkani, sobretudo por parte das populações cristianizadas, e só admitiram o ensino em português.

Quinta fase: até o fim da administração portuguesa, o konkani ficou reduzido para os Goceus Cristãos a uma língua meramente oral, fortemente relexificada por empréstimos portugueses e inclusive modificada gramaticalmente por alinhamentos morfo-sintáticos - aquilo que Clements (o.c.) chama de "mutual linguistic accommodation" - e confinada à cozinha e ao povo não alfabetizado. Um pre-crioulo não mais profícuo, mas desprestigiado, num contexto típico de diglossia. As promoções sociais, o sucesso nas carreiras administrativas ou clericiais, ou seja, a partilha do poder económico com os representantes de Lisboa passava necessariamente pelo melhor domínio possível da língua portuguesa. Isso explica porque nunca se desenvolveu um verdadeiro crioulo português em Goa, ao contrário de que ocorreu em lugares excentricos como Damão ou perdidos por Portugal, como Korlai, Sri Lanka ou Coochin.

Sexta fase: a independência. Em 1961, Nehru tendo perdido a paciência com Salazar, as forças indianas anexaram Goa. Após o não-derramamento de sangue, as relações com Portugal ficaram tomadas durante vinte anos, um tempo suficiente para uma ruptura linguística provavelmente definitiva. O uso do português nunca chegou a ser proibido, mas ele simplesmente deixou de ser ensinado nas escolas, sendo substituído pelo inglês e o marathi como veículo de promoção profissional. Além disso, a parte mais empreendedora da elite goesa aportuense tinha optado pela migração (Portugal, Inglaterra, Canadá, Emiratos Árabes, etc.) e o vácio assim criado foi amplamente ocupado por funcionários hindus originários sobretudo de Bombaim, falantes do marathi e do inglês. Muitos dos Goceus da elite cristianizante que tinham ficado passaram por uma fase de discriminação de fato, embora branda, que resultaria da desconfiança, por parte dos nacionalistas, de que seriam inclinados a formar uma “quinta coluna” de saudositas. O número de líguas foras seria atualmente cerca de 30.000 em Goa.

3. O ecossistema atual

A tentativa tardia de retorno cultural de Portugal - ações do Instituto Canoas, do Instituto Oriental e da Fundação Gulbenkian de Lisboa, abertura de um consulado de Portugal, de um Departamento de Língua Portuguesa na Universidade de Goa - não parece estar surtindo muito efeito. Quanto ao konkani, foi somente em 1987 que esta língua foi declarada à 16ª língua nacional da União Indiana, após uma longa luta para fazer aceitar o fato de que não era apenas um dialeto de língua nacional, mas por sua vez incomparavelmente mais importante. A igreja católica de Goa, que perdeu da sua importância pelo fato dos movimentos migratórios, o quais reduziram a percentagem de Goceus Católicos de mais de 50% para 30% da população, luta agora para a revitalização do konkani. Não será uma tarefa fácil por
diferentes motivos: a) a grande diversidade dialetal dentro e fora de Goa; b) a tradição de quatro tipos de sistema de transcrição: devanagari para os Goëes Hindus, latina para os Goëes Cristãos, kannada no Karnataka, malayalam no Kerala; c) o prestigio maior dos 71 milhões de falantes do marathi versus os 2 milhões de falantes do konkani; d) por motivos de pragmatismo, a troca preferencial por parte da juventude cristão do português pelo inglês (até nos jardins de infância prevalece o inglês); e) a maior valorização do marathi ao detrimento do konkani por parte da juventude hindu. O que reserva o futuro? Goa, que já era “um laboratório linguístico” do tempo dos Portugueses, pela riqueza do ecossistema lingüístico com lealdades conflitantes, pelo fato de diversidade tipológica das línguas em contato e pelo multilinguismo generalizado, continuando hoje um campo de exemplificação de todos os fenômenos ligados aos contatos linguísticos. Assim, os contatos de língua com ‘shift’ (passagem rápida – dentro de uma geração – de uma língua a outra) levam a fenômenos do tipo “interlingua” (cf., entre outros, Bonnot e Spa, o.c.), características da aprendizagem de uma segunda língua (AL2): os adultos, de língua konkani e com o domínio eventualmente o português, preferem falar inglês com os filhos, apesar da pouca fluência que eles – os mais velhos – têm dessa língua. O francês dito “regional” do leste da França, fronteira da Alemanha, é, por exemplo, o produto desse tipo de comportamento. A análise da situação atual é de qualquer forma dificultada pela onipresença da ideologia em todas as publicações sobre os problemas linguísticos de Goa: saber se ainda têm falantes do português, se o konkani é ou não um simples “dialeto” do marathi, se é melhor usar tal alfabeto ou tal outro, até que ponto a variação dialetal do konkani afeta a intercompreensão oral já que na escrita os sistemas são vários, qual é o número de dialetos tanto sociais como regionais. As respostas dependem, obviamente, das opções ideológicas das fontes informadoras.

Os fatos até então averiguados permitem afirmar que, no que tange ao período de contato entre os falares portugueses de Portugal e os falantes do konkani cristianizados, um dos poucos remanescentes dos estudos históricos do konkani em Goa (cf., a título de comparação, a teoria da prévia crioulação a respeito do Brasil) é a escassez de dados tanto sobre as línguas e suas variantes realmente faladas na época do contato quanto sobre os fatores socio-históricos que marcaram o contato. A história oficial é ideológica e é a história tal qual os vencedores querem que ela seja contada. Um pouco como no caso da Gramática Histórica do século XIX, estamos fadados a analisar os poemas escritos em entrelaços, sem dados diretamente acessíveis sobre o que realmente era falado. A aproximação se faz do konkani em direção ao português, com manifestações principalmente no léxico, como atestam, por exemplo, os 1800 empréstimos de origem lusitana listados por Dalgado (1936), que abarcam não só elementos que se referem à cultura importada – por exemplo ajento por “água benê” – como também operadores pragmáticos, operadores frasais e diáticos – por exemplo ades por “adas”. A influência do português manifestou-se também a nível das estruturas gramaticais. Assim, no caso, por exemplo, de numeração como a partir de “vinte”, o konkani seguia originalmente o padrão regular que temos nas demais línguas indo-arianas como o hindi – idêntico ao que se encontra também nas línguas germânicas e que talvez caracterizava o indo-europeu, o que dava: 20 = viss, 01 = ek, 21 = ekvis, literalmente “vinte e um”. Embora os Goëes de língua konkani e de religião hindu continuaram seguindo este padrão clássico, os Goëes de língua konkani e de religião católica adotaram a estrutura portuguesa e passaram a falar viss anek, isto é, literalmente “vinte e um”.

4. Panorama linguístico da Índia

<table>
<thead>
<tr>
<th>FILOS</th>
<th>TRONCOS</th>
<th>FAMÍLIAS</th>
<th>SUB-FAMÍLIAS</th>
<th>GRUPOS</th>
<th>SUB-GRUPOS</th>
<th>LÍNGUAS NACIONAIS</th>
<th>DÍALETOS MAIORES</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>INDO-</td>
<td>Germânico</td>
<td>Ocidental</td>
<td>——</td>
<td>——</td>
<td>——</td>
<td>INGLÊS</td>
<td>15.000.000</td>
</tr>
<tr>
<td>EUROPÉU</td>
<td>Indo-</td>
<td>iraniano</td>
<td>Indo-ariano</td>
<td>Índico</td>
<td>Sânscrito</td>
<td>SANSKRITO</td>
<td>200.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Zona</td>
<td>noroeste</td>
<td>Dárdeo</td>
<td>KASHMIRI</td>
<td>4.310.000</td>
<td>15</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Sindi</td>
<td>SINDHI</td>
<td>2.800.000</td>
<td>10</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Zona</td>
<td>central</td>
<td>Hindi</td>
<td>Oeste</td>
<td>Hinduista</td>
<td>HINDI</td>
<td>360.000.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>URDU</td>
<td>48.000.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Punjabi</td>
<td>PUNJABI</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Gujarati</td>
<td>GUJARATI</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Zona</td>
<td>leste</td>
<td>Bengali</td>
<td>-Assamese</td>
<td>ASSAMESE</td>
<td>15.334.000</td>
<td>04</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Bengali</td>
<td>70.361.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>Oriya</td>
<td>ORIYA</td>
<td>32.000.000</td>
<td>09</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Zona</td>
<td>sul</td>
<td>Marathi</td>
<td>KONKANI</td>
<td>MARATHI</td>
<td>71.000.000</td>
<td>42</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>KONKANI</td>
<td>2.000.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td></td>
<td>DRAVIDIANO</td>
<td>——</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Sul-</td>
<td>——</td>
<td>——</td>
<td>——</td>
<td>MALAYALAM</td>
<td>74.000.000</td>
<td>23</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>Central</td>
<td>Tamil</td>
<td>-Kanada</td>
<td>——</td>
<td>——</td>
<td>MALAYALAM</td>
<td>35.350.000</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td></td>
<td>Tamil</td>
<td>-Kodagu</td>
<td>——</td>
<td>——</td>
<td>KANADANA</td>
<td>44.000.000</td>
</tr>
</tbody>
</table>

1 + 105.000 no Paquistão; 2 + 17.000.000 no Paquistão; 3 + 11.000.000 no Paquistão e 600.000 no Bangladexe; 4 + 45.000.000 no Paquistão; 5 + 100.000 no Paquistão; 6 + 100.000.000
no Bangladesh; ⁴ sem os 4.000.000 de konkani-Marathi; ⁴ + 3.000.000 no Sri Lanka. *(Grimes, 2000)

5. Panorama dialetal das línguas marathi e konkani

<table>
<thead>
<tr>
<th>LÍNGUAS</th>
<th>DIÁLETOS E SUBDIALETOS MAIS REPRESENTATIVOS</th>
<th>OPD/ET</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>MARATHI</td>
<td>DECCAN MARATHI</td>
<td>KONKANI</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>NORTHERN MARATHI</td>
<td>SOUTH MARATHI</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>SOUTH MARATHI</td>
<td>KALANPUR</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>SOUTHERN MARATHI</td>
<td>KANDAPUR</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>SOUTHERN CHRISTIAN</td>
<td>KANDAPUR</td>
</tr>
<tr>
<td></td>
<td>COCHRINE</td>
<td>HINDI</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Referências

